



**ARTIGO ORIGINAL**

## **Alguns aspectos teóricos sobre o campo em uma psicoterapia de orientação analítica\***

*Patrícia Ruschel Daudt<sup>a</sup>*

<sup>a</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS). Terapeuta de família (Infapa). Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica (Celg/UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil.

### **Resumo**

O conceito de campo introduz um novo olhar sobre o fenômeno da relação terapêutica de orientação analítica. Ao considerar o analista como participante integral nessa relação, a situação analítica adquire um caráter complementar, ou seja, nenhum membro desse par pode ser entendido sem o outro. O propósito deste trabalho é o de abordar aspectos identificados no campo analítico em uma psicoterapia de orientação analítica. Como forma de ilustração apresenta-se uma vinheta clínica.

**Palavras-chave:** Teoria psicanalítica; Psicoterapia ; Relações interpessoais.

### **Abstract**

The concept of analytic field introduces a new way of looking at the therapeutic relationship. When taking the analyst as a full participant in the relationship, no member of the analytic pair can be understood without considering his interaction with the other. The aim of this paper is to address analytical field aspects in a psychoanalytic psychotherapy. A clinical vignette is presented to illustrate them.

**Keywords:** Psychoanalytic therapy; Psychotherapy; Interpersonal relations.

---

\* Trabalho de conclusão do 2º ano do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do Centro de Estudos Luis Guedes - 2013 - Orientador: Matias Strassburger

## Introdução

O conceito de campo inaugura um novo olhar sobre o fenômeno da relação terapêutica na psicoterapia de orientação analítica. Introduzido pelo casal Baranger<sup>1,2</sup>, apresenta a ideia do analista como participante integral nessa relação. Na concepção dos autores, mesmo que o analista mantenha a necessária neutralidade e passividade, a situação analítica adquire um caráter complementar, ou seja, nenhum membro desse par pode ser entendido sem o outro.

Em decorrência disso observam-se mudanças na avaliação do andamento do processo terapêutico. Dirigir o olhar, tanto ao analisando quanto ao analista, permite pensar em uma dinâmica que considere as dificuldades surgidas no relacionamento analítico como uma patologia específica dessa estrutura do par.

O propósito deste trabalho é o de abordar aspectos identificados no campo analítico em uma psicoterapia de orientação analítica. Como forma de ilustração apresenta-se uma vinheta clínica.

## Campo analítico: contribuições teóricas

Conforme Bernardi<sup>3</sup>, a concepção de campo analítico busca conceituar os fenômenos centrais da análise, entendida por Baranger e Baranger<sup>1</sup> como encontro profundo de duas subjetividades, intensamente comprometidas na tarefa de promover as transformações psíquicas do analisando. Em seu trabalho inicial o objetivo dos autores foi de realizar uma observação e descrição detalhada dos aspectos considerados essenciais da situação analítica entendida como campo dinâmico<sup>1,3</sup>.

Além da influência direta de pensadores da época provenientes da psicanálise e psicologia social, encontram-se, também, ideias filosóficas e literárias compondo o contexto em que emergiram tais contribuições. Dentre elas a psicologia da *Gestalt*, que prioriza a importância da percepção das estruturas, permitindo descobrir novas dimensões da realidade, e a abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty<sup>3</sup>. A ênfase em examinar e descrever as características dos fenômenos clínicos, também, tem relação com as ideias de Racker ao considerar o analista como um observador participante. Na visão dos autores, amplia-se assim a capacidade perceptiva e reflexiva do analista diante da situação interpessoal da análise<sup>1</sup>.

A evolução de uma dimensão unipessoal para bipessoal tem se dado na concepção do tratamento analítico que envolve a ideia de um trabalho de caráter intersubjetivo. Conforme Baranger<sup>2</sup>, quando se fala de campo analítico, entende-se este como uma estrutura, produto dos dois integrantes da relação, e que, por sua vez, os envolve num processo dinâmico e eventualmente criativo. No mesmo trabalho a autora refere sobre a evolução de uma concepção mais objetivante para uma mais intersubjetiva nos trabalhos de Freud, especialmente quando este descobre a contratransferência<sup>2,4</sup>. Cabe lembrar que Freud<sup>4</sup> introduziu o conceito de contratransferência em 1910 e que mesmo considerando esta um obstáculo ao processo terapêutico, abriu a possibilidade (mesmo que décadas depois) de se entender melhor esse

fenômeno e como utilizá-lo como ferramenta no processo analítico. Houve uma notável ampliação desse conceito com os trabalhos de Racker e Heinmann, em que o analista não é visto como um continente vazio à espera de ser preenchido pelas projeções do paciente<sup>5</sup>. Mesmo partindo dos pressupostos desenvolvidos por esses autores sobre contratransferência, nota-se ainda que o casal Baranger refere-se a um fenômeno que transcende as manifestações específicas da mente do paciente ou do analista<sup>3,6</sup>. Levar em conta a contratransferência juntamente com a transferência e ainda falar de transferência-contratransferência como unidade é diferente daquilo que desejam exprimir com o conceito de campo, pois partem da “intersubjetividade como evidência de base”<sup>2</sup>.

Para Baranger e Baranger<sup>1</sup>, o fato de considerarem o conceito de campo na descrição da situação analítica se deve às características estruturais dessa situação de caráter temporal e espacial, orientada por linhas de força e dinâmicas determinadas, com suas leis evolutivas próprias e com finalidades de caráter geral e momentâneo. Sendo assim, o campo se estrutura em três níveis, a moldura funcional da análise, o diálogo analítico e a estrutura dinâmica inconsciente que subjaz a esse diálogo<sup>1,2</sup>.

Essa configuração básica da situação analítica também pode ser chamada de relação psicoterapêutica bipessoal; no entanto, observam os autores, esta só é bipessoal no plano da descrição perceptiva comum. Outras pessoas sempre intervêm no relato do paciente, em sua fantasia, por exemplo. Dessa forma, na situação terapêutica bipessoal, com a organização básica do campo, vão se fazendo e desfazendo as estruturas tri e multipessoais, em mudança constante<sup>1</sup>.

Baranger<sup>1</sup> considera que tanto as vivências contratransferenciais do analista como as manifestações transferenciais do paciente têm origem na mesma fonte, ou seja, em uma fantasia inconsciente básica que, enquanto criação do campo, tem suas raízes no inconsciente de cada participante. Bernardi<sup>3</sup>, ao revisar esse conceito na obra dos Baranger, aponta suas diversas fontes, citando as contribuições de Susan Isacs, que considerou a fantasia expressão das diversas formas da vida psíquica (impulsos, sentimentos e defesas), a noção de identificação projetiva de Melanie Klein<sup>7</sup> e as conceituações de Bion, quando fala do suposto básico do funcionamento grupal<sup>3,1</sup>.

Para Bion, por exemplo, a situação analítica corresponde a uma metapsicologia do par em vez de uma psicologia do indivíduo<sup>8</sup>. Ao traduzir para a situação analítica individual o que foi descrito para o grupo como suposto básico, entende-se a fantasia inconsciente básica que surge na situação analítica criada pela mesma situação de campo, ou seja, pela estrutura da relação, que por sua vez contribui em cada momento para estruturá-la<sup>6</sup>. Esta surge na situação analítica em seu processo, enraíza-se no inconsciente de cada um dos integrantes, incluindo suas histórias e personalidades, e assume, de acordo com o momento, distintas funções imaginárias. Por meio destas e a partir de suas transformações, quando se entende e interpreta, se produz a dinâmica do processo e assim sucessivamente vão se criando novas estruturas que não existiam previamente, construindo a fantasia do par analítico<sup>8</sup>.

Outro aspecto do campo, intimamente relacionado com a manifestação da fantasia inconsciente da dupla analítica, é a presença do caráter ambíguo no campo. Todo acontecimento dentro do campo analítico é vivido de acordo com a categoria de “como se”<sup>1</sup>. Essa ambiguidade “essencial” permite que a dimensão real da relação analítica seja concebida numa relação dialética com os aspectos inconscientes fantasiados, em que todas as coisas ou acontecimentos no campo podem, por sua vez, ser outra coisa<sup>1,3</sup>.

A possibilidade de o par analítico vivenciar todos os demais pares imagináveis e não atuar em nenhum deles permite observar os diversos usos do processo de identificação projetiva. O par analítico depende do processo de identificação projetiva, e a fantasia inconsciente do campo bipessoal é um interjogo de identificações projetivas e introjetivas, assim como de contraidentificações<sup>1,9</sup>.

Ao longo da análise será possível acompanhar os passos de um processo que tanto analista como analisando sairão modificados, embora de modo e graus diferentes<sup>2</sup>. Cabe lembrar ainda que, devido à assimetria do relacionamento, o processo de subjetivação e conhecimento sobre si deve ser mais significativo e amplo no polo do paciente do que no polo do analista<sup>10</sup>.

A vantagem de poder pensar as coisas em termos de campo está no fato de que a dinâmica da situação analítica e seus inevitáveis entraves não resultam da resistência do paciente ou do analista, mas representam a existência de uma patologia específica dessa estrutura<sup>2</sup>. Há, portanto, uma grande mudança do enfoque no trabalho do analista, que procurará conhecer qual é a fantasia básica ativa no campo e como cada um se relaciona e se posiciona nessa estrutura, de modo a permitir uma oscilação entre alienação e subjetivação a cada ciclo de cristalização/movimento do e no campo. Nessa contínua oscilação entre abertura e repetição, entre paralisação e movimento no campo, forma-se uma estrutura inconsciente presente em todo relacionamento terapêutico, o baluarte<sup>1</sup>.

O conceito de baluarte refere-se a uma formação defensiva do campo, em que estão envolvidos paciente e analista<sup>3</sup>. A palavra baluarte se refere a um tipo específico de fortificação que se projeta para fora a partir das muralhas de uma fortaleza, permitindo aos defensores atacar quem quer que tente avançar sobre as muralhas, tornando assim mais difícil o ataque à estrutura principal<sup>11</sup>. Na dinâmica da situação analítica o campo se move e o analista pode intervir de forma mais eficaz quando o analisando se arrisca, mas especialmente em relação àqueles aspectos da vida pessoal ou da fantasia que o analisando considera como seu baluarte e que, em geral, é o refúgio inconsciente de fantasias poderosas de onipotência<sup>1</sup>. Não existiria analisando sem baluartes, assim como a medida do êxito da análise depende em grande parte da medida que o analisando consiga aceitar analisá-los, ou seja, aceitar perdê-los e, com eles, as fantasias básicas de onipotência<sup>1</sup>.

Outro caráter do baluarte é a forma diversa que pode se apresentar entre uma pessoa e outra. Assim, o baluarte, provavelmente, está presente nos limites terapêuticos de cada dupla; seu enfrentamento e a eventual desmistificação e destruição dependem das possibilidades de cada par terapêutico ao elaborar suas angústias de caráter mais primitivo<sup>1</sup>. Isso, no entanto, será possível se o

analista for capaz de observar-se, junto com seu paciente, como participante da fantasia imobilizadora e, a partir desse segundo olhar, formular sua interpretação. Neste sentido, a formação de baluartes no campo são obstáculos importantes, pois, na medida em que possam ser identificados pelo analista e, também, compreendidos, se tornam fatores propulsores do processo de análise<sup>1,3</sup>.

Parece consenso, ao se revisar a literatura, que o conceito de campo analítico trouxe com ele mais complexidade ao trabalho, assim como mais possibilidade de compreensão quanto ao que ocorre na sessão analítica<sup>10</sup>. Neste sentido, Baranger<sup>8</sup> refere que a teoria de campo, citada ou não como tal, forma parte do pensamento atual e de muitos analistas. A característica comum desses autores é de descentrar o estudo da psicopatologia do paciente para a consideração da relação analítica e seu processo, revelando assim os fenômenos que a constituem, que favorecem ou dificultam a meta final da análise. A autora cita, por exemplo, Ogden, o casal Botella, Bollas e Green, que, ao desenvolverem seus conceitos, têm em comum considerarem que algo se produz na sessão a partir de um contato emocional estreito entre analista e paciente, o que não seria possível ocorrer fora do enquadramento analítico, ou seja, sem as regras que estruturam essa relação particular e única entre a dupla paciente-analista<sup>8,10</sup>.

Em uma revisão sobre campo e intersubjetividade, Favalli<sup>12</sup> apresenta certos aspectos das tendências que a teoria do método psicanalítico tem sofrido. Essas tendências, por exemplo, estão presentes nos conceitos de campo e de intersubjetividade. Autores atuais como Ferro e Ogden representam algumas das versões contemporâneas desses conceitos em psicanálise.

Nos trabalhos de Ferro<sup>13</sup> encontra-se uma confluência das conceitualizações de Bion e Baranger e Baranger<sup>1</sup>. A presença do caráter de campo bipessoal aparece de forma constante, no qual somente é possível conhecer-se a fantasia inconsciente da dupla pelas contribuições da vida mental do paciente e analista, através da mediação das identificações projetivas recíprocas<sup>12,13</sup>. Entre paciente e analista constitui-se um campo relacional e emocional no interior do qual se criam áreas de resistência da dupla. Além do trabalho do analista em desfazer essa resistência, o analista conta, também, com o paciente, que é seu melhor colega (inspirado em Bion), pois assume a função de apontar continuamente tudo o que acontece no campo, consentindo uma verdadeira transformação das forças emocionais presentes e que constituem o próprio campo<sup>13</sup>.

Ferro<sup>13</sup> se refere à importância da identificação projetiva, entendida a partir de seu caráter fortemente emocional, como algo que permite uma contínua troca de elementos emocionais que encontrarão, aos poucos, acesso às palavras. As identificações projetivas estabelecem o “estatuto emocional específico e subterrâneo” do par, que deverá encontrar a capacidade de narrar com sonhos, desenhos, anedotas, tudo o que acontece nas “profundezas da troca relacional”<sup>13</sup>.

Outros conceitos (da narratologia), como de “personagens”, revelam, por exemplo, as inúmeras possibilidades de histórias expressando, sempre no momento atual, o que se passa entre as duas mentes da relação analítica. Os personagens do diálogo, dentre outros, são testemunhas da elaboração feita pelas

mentes das identificações projetivas recíprocas, sendo o modo pelo qual se pode comunicar em imagens e em histórias compartilháveis tudo o que está acontecendo no par. Neste sentido os personagens brotam como necessidade do texto relacional de exprimir emoções e afetos<sup>12,13</sup>.

Ao enfatizar os sentimentos do presente, sendo estes passíveis de se conhecer, considera que uma outra história está sendo construída em conjunto. Para isso utiliza-se tanto da transferência/contratransferência como da “relação” que se constitui pela experiência intersubjetiva inédita. A ênfase no polo da relação evidencia-se, dentre outros, nas interpretações narrativas a partir das “interpretações fracas” devido ao seu conteúdo insaturado e ao seu caráter aberto, permitindo ulteriores contribuições do paciente<sup>12,13</sup>. A ideia central é de que o encontro analítico deva construir-se em um espaço gerador de uma experiência emocional da dupla, que ao adquirir um significado mútuo se transforma em uma nova história cuja narrativa é sempre “composta a quatro mãos”<sup>12</sup>.

Ogden apresenta o tema da intersubjetividade com certa independência em relação ao conceito de campo. Essa abordagem, com marcada influência de Klein, Bion e Winnicott, apresenta uma forma de pensar que baseia seus princípios na dialética de Hegel<sup>12,14</sup>. Para Ogden<sup>14</sup>, os sujeitos da psicanálise mantêm entre si uma relação dialética, de maneira que analisando e analista não podem ser pensados como entidades separadas que tomam um ao outro como objetos. Neste sentido, não se refere a um campo em que se processam os fenômenos bipessoais, mas sim à geração de um terceiro sujeito (o terceiro sujeito intersubjetivo), que passa a interagir dialeticamente com os participantes da dupla. Neste contexto, analista e analisando, enquanto criadores do terceiro analítico, destroem-se e recriam-se mutuamente, mantendo uma constante tensão dialética entre esse terceiro elemento e as individualidades separadas de cada um dos componentes da dupla<sup>14</sup>.

A identificação projetiva nessa abordagem é entendida mais como uma forma específica do terceiro analítico do que seu caráter universal. Para Ogden<sup>14</sup> a identificação projetiva comporta, portanto, um paradoxo central: os indivíduos envolvidos nessa forma de relação subjugam-se inconscientemente a um terceiro intersubjetivo mutuamente produzido (o sujeito da identificação projetiva). A nova entidade intersubjetiva que é criada, o terceiro analítico subjugador, torna-se um veículo por meio do qual pensamentos podem ser pensados, sentimentos sentidos, sensações vivenciadas, experiências estas que existiam de forma potencial para cada um dos indivíduos desse processo psicológico-interpessoal. A resultante disso pode ser um colapso parcial do movimento dialético da subjetividade e intersubjetividade<sup>12,14</sup>.

Nessa abordagem, para que ocorra crescimento psicológico, deve haver superação desse terceiro subjugador e o restabelecimento de uma dialética nova e mais geradora de unicidade e dualidade, similaridade e diferença, subjetividade individual e intersubjetividade. Um processo analítico bem-sucedido envolve a superação desse terceiro e a reapropriação das subjetividades transformadas pelos participantes como indivíduos separados e, ainda assim, interdependentes. Isso ocorre através de um ato

de mútuo reconhecimento que, muitas vezes, é mediado pela interpretação, por parte do analista, da transferência e contratransferência e do uso que o analisando faz da interpretação do analista<sup>14</sup>.

### Ilustração clínica

C., sexo masculino, 38 anos, buscou psicoterapia por estar terminando um relacionamento com o namorado. Sentia-se ansioso, associando a isso o fato de seu relacionamento estar desgastado pelos frequentes desentendimentos. C. tem orientação homossexual.

Os pais de C. se separaram quando tinha 6 anos de idade, a mãe casou-se novamente, havendo mudança para outra localidade. Assim, o novo companheiro da mãe assumiu, também, o papel de pai/padrasto. Essa situação foi marcada pelo afastamento físico da figura parental e por recordações de uma situação “tensa” que se instalava quando o pai biológico fazia contato telefônico. Segundo C., nesse contato o pai expressava seu ressentimento pelo afastamento, por vezes mostrando desespero.

Com o andamento do tratamento, C. pôde mostrar mais profundamente os momentos de vazio e de desesperança que tomavam conta dele. Muitas vezes substituía essa sensação pelas entradas em banheiros públicos ou olhares na rua que facilmente poderiam se transformar em encontros com finalidade sexual.

C. mostra-se bastante vinculado à psicoterapia, raramente faltando ao longo dos anos de atendimento. Pelo lado da terapeuta também se observa uma disposição em atender C. e um interesse em estudar o caso, levando-o à supervisão, por exemplo. Uma característica comum ao longo dos atendimentos era a presença de um estado de busca conjunta de entendimento e de uma expectativa de construção pela dupla paciente-terapeuta do que era trazido à sessão. Pode-se dizer que um clima de confiança foi se instalando cada vez mais na dupla, por parte de C., ao trazer mais livremente os aspectos referidos, e por parte da terapeuta, pela maior confiança no método e no entendimento mais amplo do processo psicoterápico que se instalava.

Recentemente o tema da relação com o pai biológico voltou à cena. Este casou-se novamente. C. refere bom relacionamento com a madrasta, que admira por ser uma “*pessoa conciliadora*”, agindo de forma pacificadora nas relações familiares. Após uma ligação telefônica do pai biológico para C., este refere que às vezes pensa numa conversa imaginária com o pai: “*fico pensando o que ia falar etc... fico imaginando a gente, sentado numa mesa conversando*”. Pergunto como seria essa conversa, e ele diz que “*acaba não pensando muito*”. Lembrou-se, também, de como a mãe passava uma mensagem “*ambígua*”, ou seja, de ela esperar que tivessem mais intimidade com o padrasto como se “*ele fosse o nosso pai*” ao mesmo tempo que o recordava das datas importantes, como o aniversário do pai biológico e das férias com este. Na sequência acrescenta que só lembra o que ocorreu depois da separação. Segue o seguinte diálogo: T – *Chama a atenção não guardares nada de antes... Algo muito intenso que faz a gente pensar em seu oposto...* C – *Eu sempre pensei que queria ter sido conciliador, como vejo que a minha madrasta é,*

*mas acabei sendo um miniadulto... Também não sei como teria sido se fosse mais criança... T – E o que fez com esta separação, com as saudades, pensando no vínculo que tinhas e que era com o pai [biológico]...* Nessas alturas o clima da sessão estava emocionalmente intenso, ele com os olhos totalmente mareados, algo bastante raro de se observar. Eu senti fortemente essa emoção (a emoção da tristeza e da dor provocadas pelo afastamento vivido e a possibilidade de o paciente conectar tais sentimentos) e bem mais de leve senti meus olhos também umedecerem e revelarem essa emoção vivida ali junto com C. Ele continua: *“parece que nem é a minha vida, não lembro de ter saudades...”*. Digo que talvez estivesse sentindo assim justamente porque fora bom, das coisas boas. *“É, da rotina normal”, diz ele*. Estava no final da sessão e refiro que *“isso”* era muito forte mesmo.

A sessão seguinte apresenta um segmento da repercussão dessa experiência. C. diz que lembrou da sessão passada, que foi intensa, que eu (terapeuta) havia me emocionado, também. Ficou com isso durante o dia, por vezes chorando um pouco. Refiro que estava falando da minha reação, estímulo a vermos como foi isso para ele. *“Foi algo diferente e ver que tu também sentiu...”*. Confirmando essa percepção de que foi uma sessão intensa, que ele teve uma experiência forte (de sentir a dor, a tristeza ocasionadas pelo afastamento do pai biológico) e que eu estava passando isso junto com ele, reforçando a ideia de uma experiência emocional vivenciada “junto”, mas que não deixava de ter o caráter individual dele ali. Bastante emocionado, refere que sentiu como algo *“bem verdadeiro”* e diz *“quando te emocionaste também, vi melhor isso.”* Legitimando sua percepção, falo: *“Me vendo assim, pudeste ver concretamente o teu sofrimento”*. E responde: *“É como um espelho...”*.

Para a manutenção do sigilo no relato acima, utilizaram-se os métodos de disfarce de características pessoais e fornecimento mínimo de informações, ao mesmo tempo que se preservaram os dados necessários ao entendimento dinâmico do caso, conforme Gabbard<sup>15</sup>.

## Discussão

Coube ao casal Baranger<sup>1</sup> lançar um novo olhar para o processo analítico ao caracterizar este como um campo dinâmico, com suas funções e características específicas. Levou-se em conta, na ilustração clínica, as descrições sobre o paciente, bem como o processo que incluiu a dupla e a terapeuta.

Um dos conceitos enfatizados nesse enfoque recai sobre a ideia de fantasia básica ativa no campo, como cada um se relaciona e se posiciona nessa estrutura, permitindo momentos de movimento e cristalização do processo terapêutico<sup>1</sup>. Observa-se no relato acima o clima emocional intenso que se estabeleceu a partir de uma conversa imaginária do paciente com seu pai biológico e da repercussão no campo de algo em movimento, mais do que de cristalização. Pode-se pensar também sobre o que antecedeu esse processo, a presença de um baluarte e das fantasias presentes. Acredita-se que essas fantasias dizem respeito à possibilidade e/ou impossibilidade de a dupla entrar em contato com a dor e



poder suportá-la. Cabe, também, a cada dupla o enfrentamento do baluarte, assim como sua eventual desmistificação e destruição dependem das possibilidades de cada par terapêutico ao elaborar suas angústias de caráter mais primitivo<sup>1</sup>. Traduzindo para o caso essas emoções primitivas, como a dor psíquica, pensa-se como para esse paciente expressar sua dor representaria sentir-se humilhado e rechaçado devido a seu caráter narcisista, atitude esta também reforçada pela experiência real do comportamento do pai biológico quando ligava “desesperado”. Pela parte da terapeuta pode-se pensar na dificuldade em enfrentar tais sentimentos e/ou suportá-los junto ao paciente, assim como pelo fato de estar adquirindo mais conhecimento e confiança na prática do método psicoterápico de orientação analítica. Pensa-se que em alguma medida essas fantasias puderam ser enfrentadas e aceitas, dando assim oportunidade para ocorrência de novos movimentos bem como de futuras e novas cristalizações.

A importância para Ferro<sup>13,16</sup> da identificação projetiva recai sobre seu forte caráter emocional, permitindo-se uma contínua troca de elementos emocionais e que aos poucos encontrarão acesso às palavras. O paciente foi expressando e projetando sua dor e a terapeuta contraidentificada sentindo isso com ele. Nesse contexto, a dor do paciente pôde ser expressa pelo choro, que na sequência da interação da dupla fez parte uma nova narrativa composta a “quatro mãos”.

O conceito de personagens do mesmo autor, decorrente das identificações projetivas recíprocas, pelos quais se pode comunicar tudo o que está acontecendo no par (como emoções e afetos), surgiram na sessão com o paciente<sup>16</sup>. Dentre as inúmeras possibilidades de histórias, observa-se no relato personagens como o pai biológico, a mãe ambígua e a madrasta conciliadora. Pode-se pensar que o contato e a experiência relacional mais próxima proporcionados pela psicoterapia permitiram ao paciente conversar sobre temas pouco explorados em sua vida e expressar esses sentimentos com a terapeuta, que assumiu um caráter nesse contexto menos “ambíguo” (no sentido da mãe), mas como possível “conciliadora” (como a madrasta) e promotora da expressão desses sentimentos, que puderam aparecer de forma menos cindida.

Para Ferro<sup>12,17</sup>, há outra história a ser conhecida que está sendo construída em conjunto. Para isso utiliza-se tanto da transferência/contratransferência como da “relação” que se constitui pela experiência intersubjetiva inédita. No relato, o sentimento contratransferencial de uma emoção forte (de tristeza e dor provocadas pelo afastamento vivido e a possibilidade de o paciente conectar tais sentimentos) remetia a terapeuta a pensar na autenticidade de tais sentimentos, sendo diferente do vazio frequentemente relatado nas sessões pelo paciente e reconhecido por este quando diz que sentiu como algo “*bem verdadeiro*”.

Essa situação também pode ser relacionada ao estado de receptividade materna, designada como *rêverie* por Bion<sup>18</sup>, quando a mãe/terapeuta, ao captar os sentimentos projetados, permanece numa atitude de recebimento e de acolhida (recebe e processa), na busca de nomear e dar significado às angústias do paciente/bebê.

Conforme Ferro<sup>13</sup>, a ênfase no polo relacional se expressa nas narrativas a partir das “interpretações fracas” devido ao seu conteúdo insaturado e de caráter aberto por permitir ulteriores contribuições do paciente. No relato pode-se observar, por exemplo, que as expressões usadas são de forma coloquial. Por fim, o paciente em momento posterior fala do efeito dessa vivência da dupla e, ao dar sua impressão sobre isso, refere-se ao “espelho”. Observa-se aqui a ideia do caráter aberto e possivelmente insaturado de tal intervenção<sup>12,13</sup>.

As contribuições de Ogden sobre intersubjetividade se baseiam nos princípios da dialética, de maneira que analista e analisando não podem ser pensados como entidades separadas. Assim, a geração de um terceiro no campo analítico é que passa a interagir dialeticamente com os participantes da dupla<sup>12,14</sup>.

No caso observa-se o terceiro subjetivo quando terapeuta e paciente estão constantemente construindo sua interação, tecendo a intersubjetividade típica e única desse par analítico. A emoção do choro e da dor, ali representada, projetada nos participantes do *setting*, e a ameaça de sua vivência no campo aparecem com um terceiro subjogador que, ao ser superado (expresso e compreendido), dá lugar para que se reestabeleça a individualidade de cada participante e a nova intersubjetividade do par.

Ogden<sup>14</sup> refere ainda que nesse processo cada indivíduo, ao se projetar na outra pessoa e vivenciar o outro como a si mesmo, precisa ainda superar este estado de “estar-fora-de-si-mesmo”. Quando o paciente recorda a sessão anterior, refere que esta havia sido intensa e que eu havia me emocionado também. Um pouco mais adiante refere que *“foi algo diferente, ver que tu [a terapeuta] também sentiu...”*. A terapeuta refere da *“forte emoção vivida”*, redefinindo o que é da dupla e o que é específico do paciente ao dizer *“estar passando isto [que é dele] junto com ele”*. Com isso se reestabelecem os aspectos subjetivos individuais, bem como se criam novos movimentos de intersubjetividade da dupla. O paciente continua seu relato dizendo que sentiu essa experiência como algo *“bem verdadeiro”*, pois *“quando te emocionaste também, vi melhor isso...”*. Reconhece essa experiência como algo que lhe ajudou a **se** ver melhor... Ao que a terapeuta complementa: *“Me vendo assim, pudeste ver concretamente o teu sofrimento”*, novamente na busca de devolver a ele seus aspectos individuais. Por fim, o paciente diz: *“... como um espelho”*. Assim, parece que foi possível **ver-se** através dessa experiência compartilhada e de reconhecimento mútuo, pois, além de “ver melhor a **sua** dor”, reconhece a terapeuta como mediadora dessa experiência, oferecendo essa vivência tal qual um espelho que reflete aqueles aspectos que lhe pertencem (por diversas vezes negados e rechaçados em si mesmos).

## Considerações finais

O conceito de campo analítico possibilitou um novo olhar sobre o fenômeno da relação terapêutica. A leitura do tema em seus pormenores revela sua complexidade, ao mesmo tempo que amplia a compreensão do trabalho terapêutico. Ficam evidentes as contribuições que se refletem na atitude do

terapeuta como um observador participante deste processo de profunda interligação de duas subjetividades, os movimentos e paralisções no campo, as fantasias inconscientes do par e os baluartes.

Nas contribuições de Ferro e Ogden observa-se a forma aberta e inovadora com a qual concebem o processo terapêutico de cunho essencialmente intersubjetivo. Já o exercício da integração de alguns aspectos da teoria e da prática, a partir de uma ilustração clínica, foi rico em termos de aprendizagem, justificando as dificuldades inerentes à sua exposição.

A busca em alcançar uma melhor compreensão do fenômeno terapêutico e seus processos parece intrínseca à atividade do profissional desta área. Outras contribuições poderiam se somar a essa busca, mas fugiriam à proposta deste trabalho. O que parece fértil nesta discussão é justamente a manutenção constante de um diálogo no qual o profissional pode variar o “vértice de sua escuta”, aprimorando seus recursos de auxílio a quem lhe procura.

## Referências

1. Baranger M, Baranger W. La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. 1961;4(1):3-54.
2. Baranger M. A mente do analista: da escuta à interpretação. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 1992;26(4):573-586.
3. Bernardi BL. Introdução ao artigo de Madeleine e Willy Baranger: “A situação analítica como um campo dinámico”. *Livro Anual de Psicanálise*. 2010;24:165-176.
4. Freud S. (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: *Obras completas*. v. XI. Rio de Janeiro: Imago; 1970. p. 125-136.
5. Eizirik CL, Lewkowicz S. Contratransferência. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestastky S e cols. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 300-3009.
6. Zaslavsky J, Santos MJP. Tendências atuais da contratransferência. In: Zaslavsky J, Santos MJP e cols. *Contratransferência: teoria e prática clínica*. Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 30-52.
7. Klein M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Obras completas de Melanie Klein*. v. III. Rio de Janeiro: Imago; 1975. p. 17-43.
8. Baranger M. La teoria del campo. In: Lewkowicz S, Flechner S, editors. *Verdad, realidad y el psicoanalista: contribuciones latinoamericanas al psicoanálisis*. Londres: International Psychoanalysis Library; 2005. p. 49-71.
9. Grinberg L. Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la identificación y contraidentificación proyectivas. *Revista de Psicoanálisis*. 1956;13(4):507-511.
10. Knijnik J, Rispoli A, Tofani ACA, Mello CO, Rubin LC, Pacheco MHR, Eizirik CL. Baluarte, surpresa e comunicação no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 2012;46(1):150-161.

11. Churcher J. Notas sobre a tradução para o inglês de “A situação analítica como campo dinâmico”, de Willy e Madeleine Baranger. Livro Anual de Psicanálise. 2010;24:177-185.
12. Favalli PH. Campo e intersubjetividade. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestastky S e cols. Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 141-156.
13. Ferro A. Pequeno mapa de orientação. In: Ferro A. A técnica da psicanálise infantil. Rio de Janeiro: Imago; 1995. p. 35-42.
14. Ogden T. Identificação projetiva e o terceiro subjugador. In: Ogden T. Os sujeitos da psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996. p. 93-101.
15. Gabbard GO. Disfarce ou autorização: problemas e recomendações a respeito da publicação e da apresentação de material clínico. Livro Anual de Psicanálise. 2002;16:199-213.
16. Ferro A. Evitar as emoções, viver as emoções. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Artmed; 2011.
17. Ferro A, Basile R. O universo do campo e seus habitantes. In: Ferro A, Basile R. Campo analítico: um conceito clínico. Porto Alegre: Artmed; 2013. p. 13-34.
18. Bion WR. (1961). Uma teoria do pensar. In: Spillus E. (1961). Melanie Klein Hoje. Rio de Janeiro: Imago; 1991. p. 185-193.

### **Correspondência**

*Patrícia Ruschel Daudt*

Av. Taquara, 110, conj. 403

90460-210 – Porto Alegre, RS

pardaudt@gmail.com

Submetido em: 12/11/2014

Aceito em: 30/12/2014